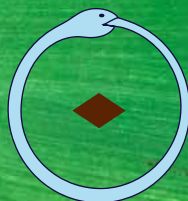
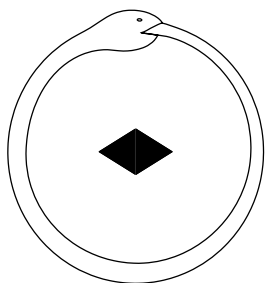


HISTÓRIAS PARA ACORDAR CRIANÇAS
Torãmũ Kêhírí • Luiz Gomes Lana



cadernos
SELVAGEM



HISTÓRIAS PARA ACORDAR CRIANÇAS

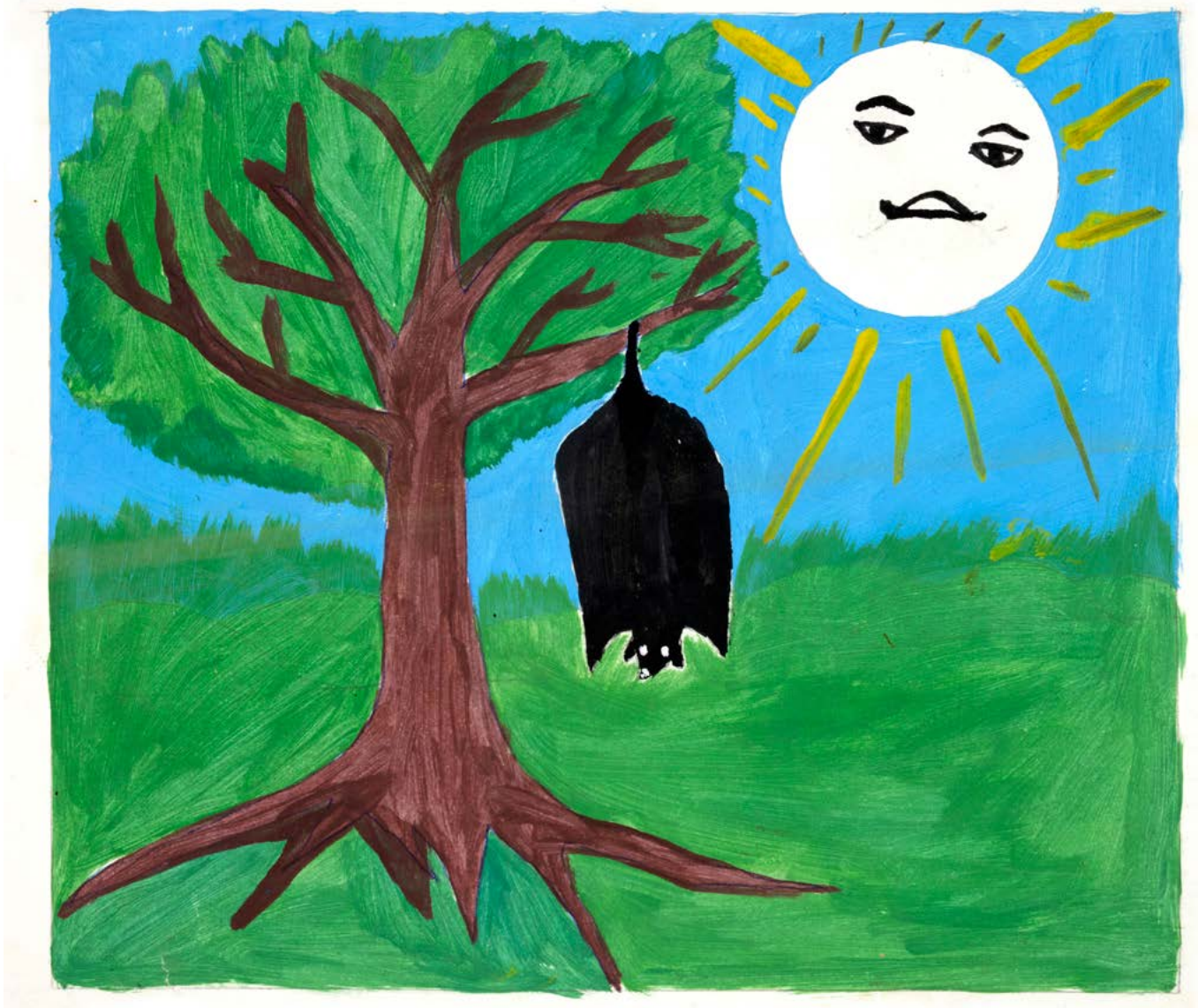
Torãṁũ Kêhírí • Luiz Gomes Lana

HISTÓRIAS PARA ACORDAR CRIANÇAS traz 35 breves narrativas inéditas escritas e pintadas por Torãṁũ Kêhírí, Luiz Gomes Lana, em 2021. O manuscrito chegou até a Selvagem em um caderninho espiral, com fragmentos de textos numerados, acompanhado por pinturas originais avulsas com as numerações correspondentes. O autor pensava numa continuidade da parceria editorial que começou em 2019, quando foi publicado o livro [Antes o mundo não existia](#) pela Dantes Editora, em um trabalho dedicado de pesquisa, novos desenhos e retradução da primeira edição de 1980. Esses originais passaram por idas e vindas entre rio Tiquié, São Gabriel da Cachoeira e Rio de Janeiro.

Agora, em 2026, publicamos o caderno de Torãṁũ Kêhírí, um ano após a sua passagem. Seu irmão José Maria Gomes Lana traduziu o texto em português de volta ao Desana. Durante a tradução, José Maria teceu comentários junto ao texto de seu irmão, que estão aqui **destacados em laranja**.

Duas imagens produzidas por Torãṁũ Kêhírí não foram acompanhadas de suas respectivas histórias. Ainda assim, estão publicadas neste caderno.

Todas as pinturas publicadas neste caderno foram adquiridas pelo Instituto Paz, garantindo a compra de uma casa para dona Catarina, viúva de seu Luiz Lana.



1

OYÓ & ABÉ KERE

1

MORCEGO E SOL

Yuhn̄ arĩk̄ Oyó òpa arip̄.
Gãmeturiro wahtopé ãribeop̄.
- Neõ yuhn̄tá ãrik̄ m̄re yã
diábirika ãrip̄.

Eropita iḡ Oyó obó yãmedihu siáp̄.
Iḡ bahsuri Abé re yãdiábirige.

Certo dia, o morcego se discutiu com seu primo Sol. Durante a discussão, o morcego proferiu dizendo que nunca ia ver o resto da vida dele. Porque o morcego descansando ou dormindo, fica pousado com a cabeça para baixo, não querendo ver o primo Sol.

Se uma vez se trata de morcego um animal noturno. Daí o nome Abé da noite, pois o Sol é Abé do dia.



2

WEHKU KERE

2

A ANTA

Wehku gahsiri uhtāmu wige
 āripu. Peá mahsā erā omárari sibu iri
 peáyhku merā wehkuare wehe yurā.
 Erā nerebuari sibure. Wehku bugu
 dohpá waro kuri āri pepipu. Dohpá ii
 tariwere surōkuri erā peamahsāre
 āripu. Igu pepiro merā ōpa iirā āribeópu.
 Ii umdehkó Equador waikuridá
 tariwagāro pepibeopu. Eropirā ero
 Equador daá tariwagāro baharā
 wehku ārikumā. Diá oreó sã baharā
 ārikumā iri daá tariwagarōre erā
 wehkuare baaborā.

A Anta morava no Norte. Quando os
 brancos chegaram, começaram a invadir os
 bebedouros das antas, ameaçando-as com as
 armas de fogo. Um velho anta começou a
 pensar como poderia se livrar desta ameaça
 dos homens brancos. Com seu pensamento
 concluiu como fugir. Imigrou-se no centro
 do mundo, isto é, na linha do Equador. Por
 isso que tem muitos bebedouros e antas nes-
 ta linha. Por isso que tem muitas sucuris nes-
 tes lugares. Que eles gostam dos animais.

Norte em Desana é gahsiri uhtāmuwi.
 Para os Desana existem também 4
 pontos cardeais: ahpiku dihtaru wi,
 nascente; ñamiri wi, poente; gahsiri
 uhtāmuwi, norte; e paasarówi, sul.



NUGUMU DIAYU KERE

Ntɔ́mɔh Diáyɔ wihsi waga wapɔ
 ntɔ́ge waimɔrã ntɔ́wagã deédiria
 wapɔ. Ntɔ́ge turimakuri iikãriɔ neõ
 ohparã bohkabiriɔ. Eropirã gahisibure
 ntɔ́ge diáyɔ turikuriɔ peesu yero.

CACHORRO DO MATO

O cachorro do mato perdeu-se no grande florestal à procura (durante a caça) de animais. Andou latindo à busca de socorro, mas não encontrou. É por isso a gente ouve choro agudo e oscilante no centro da mata à noite.



4

BŨHPŨ KERE

4

A ARANHA

Yuhnŭ mahsŭ diáturo kuri warŭ.
Eroge Bũhpŭ-wũagu bohkarŭ. Igure
bohka tuawagãpŭ.

Pũri serepiŭ dópi iiri mũã ãripiŭ.

- Nahsikã yeãgu iia ãri yũripiŭ

Bũhpŭ.

Eropirãta Bũhpŭa pagarã nahsikãre
baa yerã.

Um foi passear na beira do grande rio,
na beira do rio encontrou uma grande ara-
nha (aranha caranguejeira). Ao ver, ele se
aproximou-lhe e perguntou-lhe o que é que
estava fazendo. Ela respondeu que estava
pegando camarões. Por isso que grandes
aranhas comem os camarões.



Yuh ñami Abé ñamimth sirigth iiri
sibu. Mahsã erã kãriri sibu ãmara yerã
wahteã mahsã.

Wahteã mahsã poé korero koãrirã
bayágãria yerã. Erã bayakumu ptha
õpa ãri yero: “wa'teró caminó kamagu
hatamawu, pirõ yawika, pinayka.
Wahtimã kōre kōre sirãware sirãware”.
Iri Bayawi hootiria bayá tuumakuri
yerã. Boyó muriri kore wiria peéreá waa
yearã dah.

Numa noite de Eclipse **Lunar**, enquan-
to as pessoas estavam dormindo, chegaram
uma turma de espíritos do mato carregando
uma grandíssima jiboia do mato cantando
a sua canção **imoral**, que eles estavam que-
rendo a ferida do meio da coxa da mulher
assim: “**wa'teró caminó kamagu hata-
mawu, pirõ yawika, pinayka. Wahtimã
kōre kōre sirãware sirãware**”. Dando
refrão horas e horas à noite. Quando vinha
clareando, saíram da maloca.

Os espíritos do mato são fantasmas.

São chamados em Desana de **wahti**
no singular e **wahtiã** no plural.



7

MAHSŦ BUYÁKŦRIGE KERE

7

O HOMEM ENFEITADO
(HOMEM COM ADEREÇOS E
PLUMAGEM INDÍGENA)

MahsŦ buyákŦrige buhsumere
oyániŦŦ.

Um homem enfeitado ficou dormindo no chão embriagado de bebida alucinógena *Ḡahpi*¹. Viu na visão um bicho perto do pé dele, com vários bichinhos.

1. *Ḡahpi* (também *Ḡaapi* ou *Caapi*), mais popularmente conhecida como ayahuasca, é uma bebida enteógena consumida em contexto ritualístico pelos *Desana*, entre outros povos e comunidades.



8

GAHPI NUHU IIPŦ

8

O ESPÍRITO DO MATO
WAHSÚ

Neõ yāgŦ yuhta yāniŦ gahiropa
deyuge wuage. Puri baharagã
muhtāragã yāpu pare.

NŦgŦ wahti Wahsú Wahsú igu
porãre werege iipŦ. Mahirã mŦa yŦ
marikŦre gahirã mŦã yāmahsibira
guirãka muã āriŦŦ.

O Wahsú está aconselhando os seus fi-
lhos para ter medo das pessoas estranhas
(visitantes desconhecidos de forma huma-
na incompleta) na ausência dele.



9

NUGU WAHTI GURABÉ OHPÁ BIRIGE

9

ESPÍRITO DO MATO SEM ÂNUS

Wahsú igu porãre werera puri.
Igu bahsuri wahti gurabé ohpábirige
omarapu. Mahirã diita erã doáku
iã erãgare baapeogã wawapu. Igu
goédoháríma wiriro moãbeokã iipu igu
turuaromerã. Yure natusia bokuma
ãrigueropa iipu.

Depois deste conselho do Wahsú, chegou o seu primo sem cu e viu **somente as** crianças **desprotegidas**. Pegou **as crianças, matou**, comeu e voltou para casa dele, cobrindo o caminho **com troncos e galhos, dificultando** para não irem atrás dele.

É bom ficar sabendo em detalhe sobre a entidade do mato sem ânus. Não é que ele não tinha ânus – ele tinha sim –, porém o ânus dele se localizava bem próximo da boca, como em peixes sarapós. Esses sarapós são descendente do sem ânus, ou seja, esses peixes são seres que se transformaram dos intestinos da entidade, quando ele foi morto por vingança.



10

WAHSÚ NŮRŮSIA WAGĀPŮ IGŮ BAHSŮRI
GŮRABÉ OHPABIRIGE PORO

Wahsú megã baharã noãñhkt
ãrirã ii ãmã maharã siupã pare GŮrabé
ohpabiri igŮ wiórare pãadorege.

10

WAHSÚ ATRÁS DO PRIMO
ENTIDADE DO MATO SEM ÂNUS

O Wahsú convidou as formigas saúvas
do mundo inteiro para abrir o caminho fe-
chado por sem ânus.



11

WAHSÚ HEAPΘ IGΘ BAHSURI WAHTI
GURABÉ OHPABIRIGE YA WIGE

Erã megã mahsã erã wayerã iri
wige.

11

WAHSÚ CHEGA NA CASA DO SEU PRIMO

As formigas chegaram até a maloca do
sem cu.

A entidade do mato sem ânus é Wahti
Gurabé ohpabiri em Desana.



12

SOOU ARIPT

12

SAUDAÇÃO COM PRIMO

Wahsú igt bahsuri ya wige omarage
 Wahti G̃rabé ohpábirisã soou ãript
 igtã. Puri seeró igt̃re dobó iipt̃.

Sem cu saúda o primo na chegada dele
 na sua casa e oferece o banco para sentar.



13

PEÉRÃ NŮGŮ WAHTEÃ KERE

Wahsú – Wahti Gw̃rabé ohpábiri erã
peerã koretu yerã game bohkatirirã.

13

OS DOIS ESPÍRITOS DO MATO

Wahsú e sem cu estão abraçados no pri-
meiro seu encontro.



14

DEHKÓ PURISERERO & YAKÁ SARÃ KERE

Yuhn̄ arik̄ Yaká sarã b̄ria guá
yerã Dehko puriserero merã iiḡ
waí n̄usiri wiu m̄rik̄. Puri Dehkó
purisererore n̄ukã yerã.

14

GOLFINHO E CARARÁS

Certo dia, os cararás ficaram bravos
com o golfinho porque ele espantava os
peixes que eles queriam comer. Os cararás
espantaram o golfinho.

O golfinho seria o **boto cinza** e o
carará seria o **biguá**.



15

MAHSŦ GORERI & DIÁKEĀ KERE

MahsŦ goreri buári sibu Diákeā
diáge yuriña wapŦ. Goreri sã yurinãpŦ
dah igŦ pŦri Goreri Diákeāre yeā
aiwagãpá paapŦ. PŦri igŦre paaruge
birapŦ. DiákeāpŦ yãipŦ: pŦã pŦã pŦã ...

15

HOMEM DOIDO E JACARÉ

Quando o doido foi tomar, o jacaré se pulou e mergulhou no rio. O homem doente de doidice também mergulhou atrás dele e trouxe para fora da água e começou brincar com ele, brincando na barriga dele, e jacaré riu: puã, puã, puã...



16

BUGA MAHSIRI MAHSU

Buga Mahsiri Mahsu diákorã bayi
iimi dihpuge suubori.

16

O VELHO SÁBIO

O velho benzedor está benzendo o jeni-
papo para pintar o corpo.



17

Umã & Nomeõ
MEGÃ SIURÃ IIMÃ

17

O HOMEM E A MULHER
PEGANDO MANIVARA

Megã wiamurimã neemereri sibu
(18:30h) arikã. Nãgãmã ohou dorori
merã siuro gamebã.

As formigas manivaras voam 6:30 ho-
ras da tarde. Para pegar, eles se preparam
como mostra o desenho, com as folhas de
sororoca feitas em funis.



18

UMU-WAIMURĀ WEHGŨ WAAMI

Igũ dehkóparage buhuru ohpami.
Igũ p̄rip̄age buhusaró tuyá nimã surá
wahkari ahrã.

18

O HOMEM VAI PARA A CAÇA

No ombro está a zarabatana, nas costas
o funil de setas venenosas de zarabatana e
remo.



19

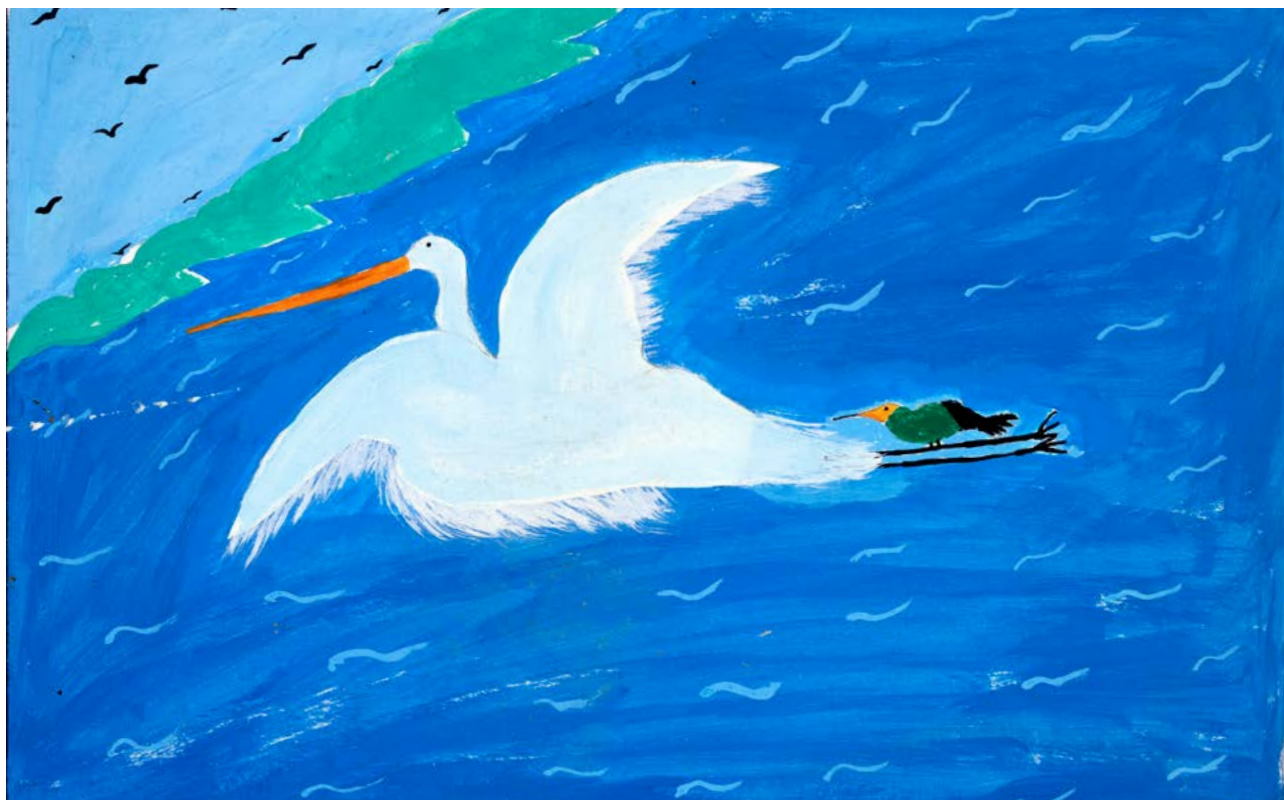
UMA & NOMEÕ POÉGE WAMÃ

Dehkoparage comeru ohpami.
Diáytsã erã kore wami. Nomeõpt̃ puibu
omãrio umupuri garisiamõ.

19

O HOMEM E A MULHER VÃO PRA ROÇA

O machado no ombro, o cachorrinho
na frente, e a mulher atrás com o aturá nas
costas.



20

YAHÍ & MIMI KERE

20

O GARÇA E O BEIJA-FLORES

Yahí Mimi merã bahsurirã ãri yerã.
Mimi òpa ãrip̃t yahí re:

– Maã w̃taribuhárã iimãtrogere
sip̃masége metuarã.

– Não omaram̃tarã kuri
sip̃masége ãrip̃t Mimi Yahíre.

Mimi w̃maga m̃tapú. Puri Yahí
daberogã w̃taribuá nipt̃. Mimi p̃ta
sip̃masége omarabita mahídoharip̃t
dah. Yahíre bohkatiri mãta Yahí
guburige beahahap̃t pare gahip̃masége
erabori kore W̃magã wap̃t dah. Puri
aribeó̃p̃t Yahíre:

– M̃korege omarap̃t ỹá arip̃t
Mimi.

Garça e beija-flor eram primos. Certo dia fizeram um acordo com seu primo. O beija-flor disse ao garça:

– Vamos atravessar este grande rio, vamos ver quem vai chegar primeiro no outro lado.

Garça aceitou o acordo. Beija-flor mandou voar primeiro garça, porque ele voava devagar. Depois de uns minutos, o beija-flor saiu a voar. Quando alcançou o seu primo, ele sentou-se nas pernas do seu primo garça. Quando aproximou-se a beirada do outro lado, voou pra chegar antes, e fez. O coitado garça chegou depois. O beija-flor disse ao garça: “O rio é muito largo, primo, eu quase que caí no meio do rio”. Mas garça sabia que ele tinha sentado nas pernas.



21

YUHKU CÕRE & MIHPİÄ YEHKÕ

21

PICA-PAU E VOVÓ DOS MACACOS

Mihpiä baakã yurã goãmu ma'gure.
Iri dihpuwá karepagau wuagu de'yuak̄
yerã. Karepagat̄ baha d̄'kak̄ yero.
Iri karepaga baarã baharã gahkia
gãmenere yerã. Erã gamenereri
sibu goam̄ iḡt̄ pat̄m̄t̄ wahpewi re
buyasu p̄t̄. P̄t̄ri waád̄t̄'ka moõsuap̄t̄
iḡt̄re puridorep̄t̄. Karepagat̄ poro
eraw̄ta b̄'suro purike ārip̄t̄. Paásaro
wi poroge puri wa'gārike ārip̄t̄ iḡt̄
wahpé wire. Iḡt̄ puriri mera diá

Os macacos **barrigudos** comeram **a**
mulher do irmão do espírito do bem. Por
vingança, criaram uma grande árvore de
abiu do mato e fizeram. O aparecimen-
to das árvores atraiu a todos os macacos,
foram todos à árvore para comer a fruta.
Ao anoitecer, espírito do bem enfeitou o ir-
mão, isto é, o viúvo, depois deu a ele como
instrumento musical um pedaço de bambu
para soprar na vinda dele. E mandou para
o sul. Quando chegou 8:00 horas da noite,

yuraro yá ãri kere werei iip̃. Gahkia
 (Mihpiã) eropata waro ikasõ ãri peeñeã
 ỹhru karepagaru ãi meedihi yurã.
 ãrirõtã karepagaru diãroge meeñah
 yero. Boyódih merex̃ma karepagax̃
 diãdehkoge nigi yero gahkia mahrã
 merã. Abé ig̃ m̃ritua wák̃ gahkia
 ãripererã boáborã yerã erã yehkõ di'ta
 tariwerebo iipó. Buhru sãre igó erã
 yehkõ dihpuru wehkáge sipeó yerã.
 Gahkia yehkõ sirikure ii baari peérea
 waboro yero. Goãm̃ erã gahkia yehkõ
 di'ta ỹhk̃ kōre re ãi wake ãrip̃. Gahkia
 yehkõ re ãitaribuhag̃ obó w̃m̃riã
 obó w̃m̃ridihã ii taribuahdip̃. Igó
 b̃rop̃a gainimah m̃riipo. Muñuã
 baharã wa'gãpa maha m̃ri yurã igo
 b̃rore baadiãrã. Yuhk̃ kōre ii ñhk̃
 wahatáp̃: komeru ig̃ poé paá buriru –
 yahkeda ig̃ buyári dah – peéyari be'ro/
 mahãpoari be'ro ig̃ dihpuruge peyári
 be'ro.

ele veio tocando o pedaço do bambu, anun-
 ciando que o rio estava enchendo pela vin-
 gança da morte da mulher dele. Ouvindo
 isso, os macacos pegaram a fruta, jogaram
 pra baixo, realmente estava enchendo. Ao
 amanhecer, estava cheio de água, e a árvo-
 re, cheia de macacos. Às 7:00 da manhã, eles
 iam matar a macacada, menos a vovó deles,
 e fizeram. Marcaram a direção da seta da
 zarabatana em cima da vovó para salvar,
 para que possa ficar alimentação para hu-
 manidade. Quando no grande rio, os maca-
 cos foram devorados pelos peixes piranhas.
 Depois mandaram o pica-pau para a vovó
 no outro lado, o pássaro aceitou a ordem.
 Atravessando, ele bicou a velha, subia e
 descia, a velha gritava de medo de piranhas.
 Pela ajuda a velha deu como recompensa
 para pica-pau um machado para ele sobre-
 viver, e colar de miçanga que está no pesco-
 ço dele, e colar de penas de araras que está
 na cabeça dele.

Quando a canoa de transformação
 (pa'muri gahsiru) passou no trecho
 atual Ilha das Flores no Rio Negro, os
 macacos barrigudos estavam no abiu-
 zeiro cheio de abiu (fruta da região,
 comestível) e ao ver a mulher do chefe
 do pa'muri gahsiru (Doétiró) resolve-
 ram comer com inveja da futura hu-
 manidade em transformação. A partir
 daquele episódio o Gõamu (Doétiró)
 planejou a vingança. Esse conto que
 faço já é detalhado e há muitos deta-
 lhes com base do conto, são os benzi-
 mentos de cura ou de estrago.



22

WAHTI IROPÁ DEYUGU KERE

22

UM ESPÍRITO DISFARÇADO

Yuhgu mahsu wai weherãre
 nururápturi erã yare yahá m̃ript̃. Igu
 puriri d̃hka w̃taro b̃hst̃ri iñe ohpápt̃.
 Mahsãpta yuhñ-mahsiã waa yerã.
 Guibiri yerã pare.

Um homem sempre ia roubar aos pes-
 cadores. Ele tinha um instrumento de som
 estranho ou medonho para espantar e fazia
 mesmo para várias pessoas. Depois desco-
 briram e não tiveram mais medo.



23

WEÁRI MAHSÃ KERE

23

MÃES DO MATO

Nɔgɔrigere Weári mahsã árikuma.
Weári mahsã maripɔ iropa – maripo
iropa – marima'gu iropa – marima'gõ
iropa pata deyu yurã. Iriboéhgere yuhgõ
mahsõ weáwagã supo. Igó pɔ pɔri mahsi
oã Weári mahsã ári kuma ári yuhkɔge
mɔriawapo. Weári mahsã pɔa mɔri
mahsibiri yerã dah. Gahki mohõburibure
muhu yerã igó mahsõre pɔaɳea áidihiri
poro árirã.

Igopɔa yuhkɔdɔhɔ pɛábeó igɔ
duhpuru pawáme di hukãpo. Eropa iikɔ
yãra Weári mahsã gainiwa'gã deédiria
wa yerã.

Existem nos matos espíritos chamados
“as mães do mato”, ou **weari mahsã em
Desana**, se transformam como maridos,
pais, mães, irmãos, filhos, filhas e vizinhos
para levá-las e comer. Assim aconteceu nes-
te desenho: mandaram o empregado o ma-
caco warixi (**tamanduá mirim**), mas a ficou
esperando com pedaço de galho para ma-
tar o warixi e fez, os espíritos fugiram de
medo. Eles têm muito de pimenta.

Na história, é tipo de macaco igual
quati, só que é da família de tamanduá
(tamanduá mirim) com garras fortes
para sua alimentação e defesa.



24

GURANURU & GARAÑA KERE

24

ESCARAVELHO E CALANGO

Guranuru – Garaña merã bahsurirã
ãri yerã. Yuhnu ãrik̄ Garaña
Guranuru poroge wapt̄. Guranuru oãro
bohkatiript̄. Puri baari heóp̄ Garaña re.
Seeró sãre dobóp̄. Oõ doáke ȳ bahsuri
ãript̄. Puri peeru coaru ãiri Garaña
re tiãpt̄. Neemerá puri Garaña peeru
bu'suá wapt̄. Dihsi poroge merehá wapt̄.
Igt̄ mahsã mereku Guranuru Garaña re
oõpa ãript̄:

– Ȳ bahsuri m̄t̄ oõpa iiborinore
m̄t̄ obó oásirikã iim̄t̄a. Oãro iibea m̄t̄a.
Eropá ibita pare ãript̄ Guranuru.

Erã mahsã ḡtra mã oãro dibu
iimerekã ȳt̄a ãript̄ Guranuru. Peeru
oãro pa'm̄t̄ri ohpá aript̄.

Escaravelho e calango eram primos entre eles. Um belo dia, o calango foi visitar seu primo escaravelho. O besouro recebeu de braços abertos o calango. Depois de oferecer a comida, ele ofereceu o banco para ele sentar. Terminando isso, ele trouxe uma grande cuia de caxiri e ofereceu. Às 2:00 horas da tarde, o calango ficou bêbado e deitou-se fora da casa. O besouro escaravelho **ralhou** ao seu primo: “Coisa pra fazer bebidas que você espalha tudo para secar”. Porque o calango espalha tudo quando come as fezes humanas. Enquanto o besouro acumula e enterra.

Escaravelho é um besouro que rola esterco ou fezes.



25

Nṭḡṭ WAHTI KERE

Nṭḡṭ Wahtimã nṭḡṭsã maãri
bahá ohpá yero. Iri nṭḡṭgere oãro
iñamakurigṭ iipṭ Nṭḡṭ Wahti.

25

O ESPÍRITO DO MATO

Para espíritos do mato, o mato não é
fechado, tem caminhos espirituais, como
mostra o desenho.



26

MAHSIRI MAHSÃ KERE

Peerá mahsiri mahsã erã gahpi
bayira puri erãya puuge siákã yerã. Puri
kãriã wa yerã.

26

OS SÁBIOS

Os dois sábios, depois de terem feito o
benzimento de Gahpi, se deitaram nas suas
redes a dormir.



27

MAHSŦ BAYIGE KERE
MAHSŦ GAHPİ BAYIGE İİMİ

27

O HOMEM BENZENDO
A BEBIDA ALUCINÓGENA GAHPİ



28

MAHSŦ KUMU GAHPÍ PAÚGE IIMI

28

O SÁBIO COANDO A BEBIDA GAHPÍ



29

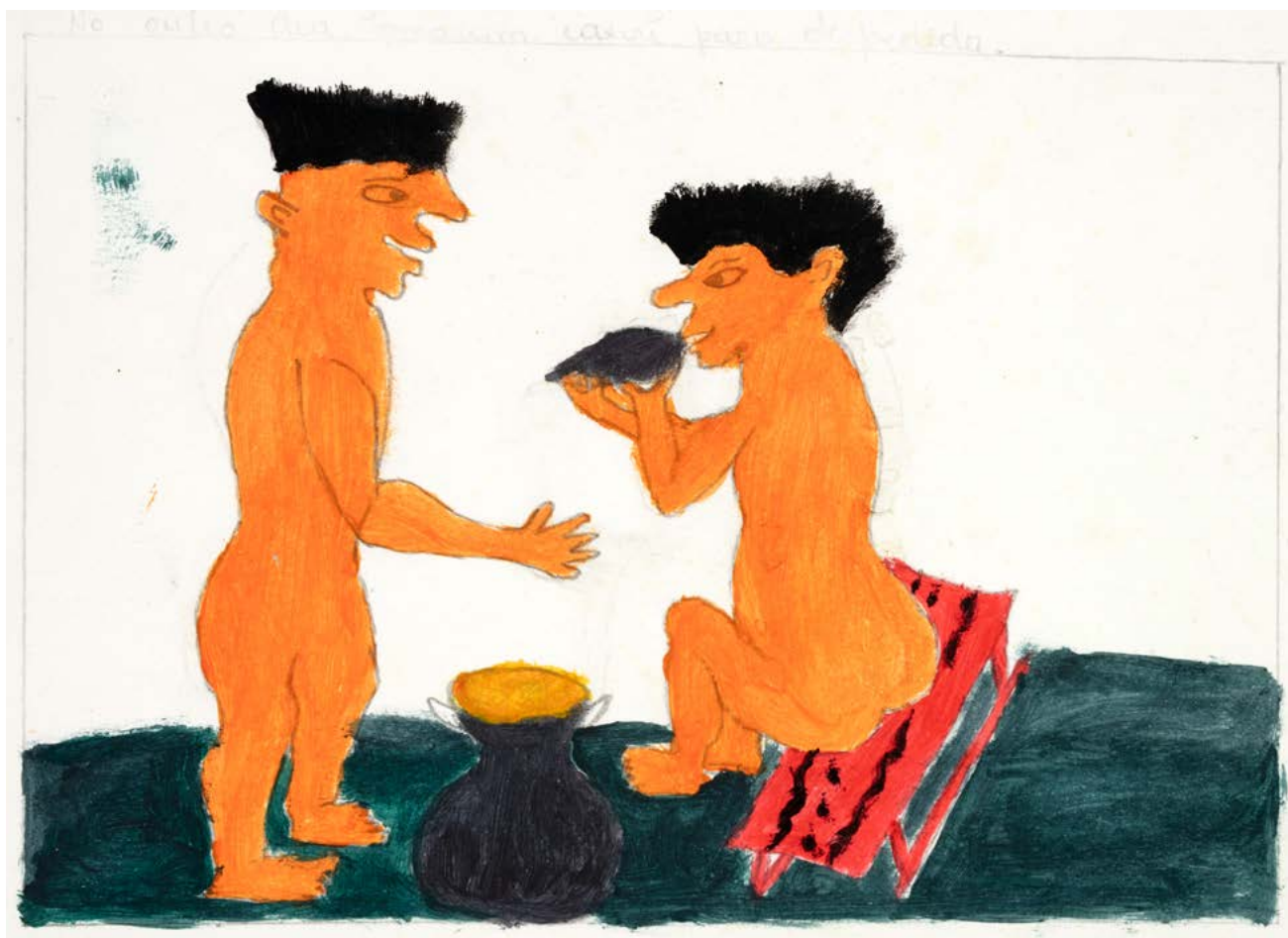
KII OÉGÓ IIMŌ

29

RALANDO MANDIOCA

Nomeõ kii oégó iimõ peeru ibogó erã
waaburi kore.

A mulher ralando mandioca para pre-
parar o caxiri de despedida.



30

WAABORINŦ KORE KERE

Yuhuge mahstŦ igŦ peeñari mahstŦ
peerŦ tiãgŦ iimi igŦ waboro kore.

30

DIA DE DESPEDIDA

O homem servindo o caxiri ao seu
cunhado, o caxiri de despedida.



31

PEERĀ MURĀ KERE

Peerā murā ahpi suarā iimā. Peeru
iririn+ ahpi baaborā.

31

DOIS VELHOS

Os dois velhos tirando ipadu, planta
da coca, para **usar ou consumir** no dia do
caxiri.



32

GAÁMARAT KERE

Yuhsibu bugu poége ahpi suage iipu.
Eropi doári sibu Gaámarat yómariã ãi
wa'gã wapt igu porãre heóbogu.

32

GAVIÃO REAL

Um velho estava tirando as folhas de
ipadu, veio um grande gavião real e carre-
gou o velho para comer.



33

WEHKÓ OĀRO WERENIGŦ KERE

33

PLANTA IPADU
PAPAGAIO FALADOR

Yuhn Ŧ bŧgŧ ahpi káge igŧ
suadoári sibu Wehkó oāro werenige
omarabehápu igŧ porogã. Ōōpá āripŧ:

– Nimāho nimāwioŧŧá ya wehseŧŧ
patu suaduhi mŧhāge niāmi niāmō
Barikiña Piterá tru truá ... āripŧ. Pŧri
bayapŧ dah: kari kari kari kari ... kari
kari kari kari ...

Bŧgŧ guataria wapŧ Wehkó eropa
āripŧ.

Igŧre yeã wehkã igŧ poro ahpiŧāpu.

Goédoáh peámege muhpu pŧri igŧyá
neediró baaŧŧá oōpa āripŧ:

– Maá kere werege aikedah Wehkó
āripŧ.

Enquanto o velho estava tirando as fo-
lhas do ipadu, chegou o papagaio que fala-
va muito, chamou o velho de venenoso. O
velho ficou bravo e matou o papagaio.



34

AHPI MOÃGE

Buá ahpi deágu ahpi deáriru merã.

34

PREPARANDO O IPADU

O velho socando as folhas torradas de ipadu com o pilão.



35

NOMEÕ WERE DIÁYIGO

Nomeõ igo ma'gõre were diáyigo
iimõ.

35

A MULHER DANDO CONSELHO

A mulher está dando o conselho à sua
filha.





Törāmŭ Kēhírĭ, conhecido como Luiz Gomes Lana, escritor indígena reconhecido por colocar no papel a mitologia do povo **Desana**, nasceu em 1947, na comunidade São João Batista, às margens do rio Tiquié, na Terra Indígena Alto Rio Negro, interior do Amazonas. Ao longo de sua vida, tornou-se um líder indígena importante da região.

Em 1980, Luiz Lana lançou a obra *Antes o mundo não existia*, que escreveu em conjunto com seu pai, Firmiano Arantes Lana, ou **Umusĩ Pārōkumu**. A antropóloga Berta Ribeiro foi quem datilografou e revisou o livro, escrito à mão em um caderno de Luiz. Anos depois, em 2019, o livro foi publicado em nova edição pela Dantes Editora, como parte da família de livros *Selvagem*, incluindo uma revisão de termos e novas ilustrações feitas pelo autor.

Em 1990, fundou a União das Nações Indígenas do Rio Tiquié (Unirt) que, além dos **Desana**, era composta pelos povos **Tukano**, **Bará** e **Barasana**.

Se existe um fio da memória, **Törāmŭ** o tem em suas mãos e pode desfiá-lo até um outro mundo, antes do mundo existir.

Törāmŭ Kēhírĭ nos mostrou que as perguntas “quem sou?” e “de onde vim?” são incógnitas somente para os brancos, pois ele sabia muito bem da sua origem. Ele veio das estrelas, era um **Kēhírĭporā**, filho do desenho do sonho, do povo **Desana** ou **Ũmŭkomahsã**, gente do universo, descendente de **Yebá Buró**, a avó do mundo.

Umusĩ José Maria Gomes Lana, *Desana-Kehiriporã*, nascido em 1963, pai de seis filhos, sou sétimo filho dos sete irmãos, cresci na aldeia São João Batista, rio Tiquié, Terra Indígena Alto Rio Negro, Amazonas. Filho de Umusĩ Parõkumu Firmiano Arantes Lana e Yusió Emília Gomes Lana, um casal de analfabetos, já falecidos. Busquei formação na educação formal na minha aldeia até quinta série e concluí oitava série no internato, na escola salesiana de Pari-Cachoeira, rio Tiquié. Terminei meu ensino médio por meio de Exame de Suplência e atualmente curso licenciatura indígena de políticas educacionais e desenvolvimento sustentável pela UFAM. Prestei serviço militar nos anos 1983-1984. Desde 1985 vim apoiando associações, lideranças e iniciativas comunitárias voltadas ao desenvolvimento social, cultural e ambiental dos povos indígenas da minha região no formato de projetos técnicos. Foram oito anos de experiência em comércio com mercadorias industrializadas com uma loja em Pari-Cachoeira. Trabalhei na FOIRN - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro nos anos 2000-2012 e na Prefeitura de São Gabriel entre os anos 2013-2025 como assessor de projetos. Participei de diversos eventos e mobilizações fora do território onde resido.

Toda a realização dos Cadernos Selvagem é da equipe Selvagem, com coordenação editorial de Anna Dantes. Este caderno e muitos outros estão disponíveis no site Selvagem em português e várias outras línguas. Mais informações em selvagemciclo.org.br.

Tudo que Selvagem cria é para ser compartilhado gratuitamente. Você pode usar livremente esse material, em parte ou na íntegra, desde que dê créditos à Associação Selvagem e mantenha o acesso gratuito. Para permissões adicionais, escreva para contato@selvagemciclo.org.br.

Gostamos muito de acompanhar a circulação dos materiais Selvagem pelo mundo e, por isso, se usar esse material de alguma forma, convidamos também a compartilhar registros pelo e-mail acima.

Se você deseja retribuir, convidamos a apoiar financeiramente as Escolas Vivas, uma rede de 5 centros de formação para a transmissão de cultura e conhecimentos indígenas: selvagemciclo.org.br/apoie.

Agradecemos!